

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O ROTEIRO DE ESTUDO BASEADO EM TEMA DE PESQUISA COMO PRÁTICA INCLUSIVA PARA CRIANÇAS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA).

ODS 4

Johama Medeiros de Carvalho (Faculdade Venda Nova do Imigrante)

RESUMO - Diante das dificuldades enfrentadas pelos profissionais da área da educação em escolher estratégias metodológicas para o processo de ensino-aprendizagem de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista), a proposta deste trabalho é investigar o roteiro de estudo considerando como um dispositivo pedagógico que pode ser instrumento fundamental para a prática destes profissionais. A adaptação curricular para crianças e adolescentes com este transtorno é indicada pela (Lei Nº 9.394- 1996) – LDB, artigo 59, e sabendo que o hiperfoco (interesses restritos e intensos) é uma das características das crianças do espectro autista. Mantoan (2003) afirma que o currículo individualizado, respeitando o tema de interesse da criança, proporciona resultados positivos não apenas para crianças com deficiência, mas deve ser uma ação pedagógica constante para a escola inclusiva. Os roteiros de estudos construídos pautados na pesquisa com tema escolhido pelo(a) estudante e orientados pelo professor da classe regular ou do psicopedagogo viabilizam o aprendizado das habilidades necessárias de maneira significativa e deleitosa. A metodologia utilizada consiste em pesquisa bibliográfica sobre o tema, pretendendo-se que sirva de referência para pesquisas futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista. Inclusão. Roteiros de Estudo. Aprendizagem Significativa.

1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais nos deparamos com a necessidade de pensarmos a educação para as diferenças. Segundo Mantoan (2003), a escola tradicional já indica há muito tempo que está obsoleta e precisa passar por um rompimento de paradigma no qual as diferenças não sejam ignoradas e excluídas.

Em uma mesma sala de aula encontramos dezenas de indivíduos com necessidades, interesses, repertórios diferentes e peculiares. Diante dessa pluralidade não podemos continuar traçando objetivos comuns, habilidades gerais para todos. As crianças não devem sentir-se inferiores e frustradas em relação a outras por não conseguirem realizar atividades uniformizadas.

As crianças e adolescentes com TEA (Transtorno do Espectro Autista), assim como outras necessidades especiais não estão recebendo o atendimento adequado nas salas de aula regulares. Percebendo esse cenário, esse artigo busca apresentar um dispositivo de aprendizagem que pode ser um instrumento pedagógico eficaz para lidar com as diferenças dentro dos espaços educativos.

Ao realizar uma revisão de literaturas sobre o tema da educação inclusiva de crianças com TEA, identificamos o roteiro de estudos baseados em tema de interesse dos estudantes como uma ferramenta adequada para promover o aprendizado de maneira estimulante.

Uma das características do TEA é o interesse restrito, fixo e intenso em temas e objetos. Psicopedagogos tem demonstrado através de pesquisas que educadores devem preparar materiais e atividades abarcando o tema de interesse da criança, para que ela consiga construir o conhecimento.

Para Vygotsky, os desejos e anseios impulsionam o processo de imaginação, mas para que um indivíduo tenha a capacidade de criar e inventar é preciso a contribuição social. A forma como as experiências em grupo ocorre impactam na capacidade do indivíduo de produzir conhecimento. Diante disso, vemos a importância de proporcionar um espaço educativo pensado para as diferenças, onde exista inclusão.

2. DESENVOLVIMENTO

A APRENDIZAGEM DO TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)

O TEA ou Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do desenvolvimento que compromete a comunicação e relacionamento social e

apresenta padrões de comportamento restritos e repetitivos, pode ser classificado como leve, moderado ou grave. Para que se chegue a este diagnóstico o DSM – 5 (manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais), descreve alguns critérios tais como: déficits significativos nas interações sociais, comunicação verbal e não verbal, falta de reciprocidade social, comportamentos motores ou verbais estereotipados, excessiva aderência a rotinas e padrões ritualizados, interesses restritos, fixos e intensos.

No artigo Aprendizagem da criança autista, Souza e Paim elucidam o conceito de adaptação curricular citando o artigo 59 da LDB – Lei de diretrizes e bases da educação nacional, que diz: “Os sistemas de ensino assegurarão ao educando com necessidades especiais: currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica para atender às suas necessidades.” (S. e P. 2021). As autoras defendem que as adaptações podem motivar e enriquecer a aprendizagem dos(as) educandos(as) com TEA.

Essa visão retoma o pensamento de Abujadi sobre as causas do TEA, que explica que as causas são genéticas ambientais de multifatores, o que pode ser designada como “epigenética que consiste na predisposição genética e gatilho ambiental.”(Abujadi, 2013) As autoras afirmam que intervenções bem-feitas diminuem os sintomas e tornam o indivíduo mais funcional, por isso a importância do diagnóstico precoce e o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar, pois as terapias são essenciais para o desenvolvimento pleno dessas crianças.

Para os estudantes com TEA o currículo individualizado é primordial. Em seu artigo “O desenvolvimento de uma criança com Transtorno do Espectro Autista”, (Adriana Barbosa, 2020) descreve sua experiência com uma criança do 4º ano do ensino fundamental I de uma escola particular no município de Bayeux, na Paraíba. A criança citada não conseguia consolidar o processo de alfabetização, ou seja, não conseguia ler nem escrever, o que demonstra que não houve uma preocupação da equipe pedagógica de elaborar um currículo adaptado para o estudante. Barbosa, dedica seu trabalho de pesquisa a aplicação de atividades de alfabetização voltadas para o interesse do educando.

Souza e Paim (2021) defendem a necessidade da formação dos profissionais da educação para a preparação da adaptação curricular, onde orientam que essa seja pautada nas particularidades da criança e que deve ser pensada e executada junto com a família. Argumentam que o currículo deve ser individualizado respeitando-se os interesses e conhecimentos prévios das crianças, sempre adaptando os conteúdos que o restante da turma está estudando no momento. Lembram da importância de um Acompanhante Terapêutico (AT) para auxiliar o(a) estudante na execução das atividades propostas e estimulando a autonomia.

Barbosa tinha encontros com a criança duas vezes por semana com duração de duas a três horas, construiu materiais pedagógicos com imagens de personagens que o menino gostava, o que o estimulou bastante.

Cabe ao professor um olhar mais atento para com o seu aluno e assim criar a possibilidade de promover tanto a integração educacional como a social da criança com TEA e, por conseguinte, propiciar seu desenvolvimento integral a partir dessa perspectiva planejar e desenvolver intervenções pedagógicas que possam auxiliá-las a expandir todo o seu potencial. (Barbosa, 2020, p. 24)

Sobre o trabalho com a criança, Barbosa (2020) descreve que ao fim de oito semanas o educando tornou-se alfabetizado, sendo capaz de ler e escrever, realizar atividades da rotina diária na escola e tarefas simples que a professora o responsabiliza. A autora também relata uma melhora no padrão de comportamentos, como concentração, autoestima e sociabilidade.

Para Mantoan(2003) a adaptação curricular - tal como se apresenta nas escolas atualmente - não favorece a inclusão, pois pensa num currículo único para todas as crianças, marginalizando os que não se adaptam a este. Quando se faz atividades diferenciadas apenas para o estudante com dificuldades, esta criança está sendo rotulada, a autora diz que ações como adaptação curricular e reforço paralelo são práticas de uma integração e não de inclusão. Para ela, uma educação inclusiva não deve existir a separação ensino regular e ensino especial. Na perspectiva da verdadeira inclusão todos devem ser respeitados em suas dificuldades, interesses e particularidades. Para trazer o pensamento de

Mantoan(2003) para a prática educativa , o roteiro de estudos surge como o instrumento pedagógico necessário.

O ROTEIRO DE ESTUDOS NA ESCOLA INCLUSIVA

Os resultados da pesquisa de Barbosa (2020) deixam clara a viabilidade de construir roteiros de estudos voltados ao interesse da criança com TEA, e que estes são muito importantes para o seu desenvolvimento educacional.

Entendo roteiro de estudos como uma lista de atividades planejada para o estudante de maneira individualizada com o intuito de promover a autonomia. As atividades e materiais são preparados após conversa e avaliação da criança onde o professor consegue perceber suas necessidades, seus conhecimentos prévios e seus interesses. O roteiro é construído a partir de perguntas sobre um tema de interesse específico do(a) educando(a), ou seja, o tema de pesquisa. A criança escolhe um assunto que quer aprender ou pesquisar, traça suas hipóteses e delimita perguntas simples que serão a problemática de sua pesquisa. O(a) educador(a) exercendo seu papel de orientador prepara textos, atividades e materiais para que a criança consiga responder aos seus questionamentos e desenvolver as habilidades necessárias enxergadas pelo seu tutor/orientador. Os educandos elencam conhecimentos prévios, buscam e produzem conhecimento, passando por etapas da pesquisa científica com o intuito de fomentar o aprendizado significativo, sempre tendo o respaldo das habilidades do currículo nacional.

Muitas escolas no Brasil e no mundo atualmente utilizam o roteiro de estudos, pesquisas e os projetos como ferramentas pedagógicas para a construção do conhecimento ao invés de aulas. Tais dispositivos são metodologias ativas que têm se mostrado muito eficientes na educação de crianças e jovens. De acordo com Menegolla e Sant'anna (2013, p. 58) os roteiros de estudo possibilitam o aprendizado à medida que estuda e aprende de forma “independente”.

Os professores das escolas “normais” ainda creem que, dando aula, ensinam. Promovem acumulação cognitiva, quando deveriam efetuar mediação pedagógica, co-criar roteiros de estudo e guiões de pesquisa, provocar aprendizagens, sem confundir prova com avaliação, ou confundir avaliação com classificação. Também ajudaria que lessem o Bruner e outros autores, que os ajudariam a

perceber o que seja aprendizagem significativa. Ou estudar educadores brasileiros, cujas obras deveriam ser avidamente consumidas na formação inicial dos professores (gostaria de saber que livros os candidatos a professores leem na faculdade...)." (PACHECO, 2019, p. 55)

Pacheco (2019) argumenta que a escola precisa entender o seu papel social e construir um projeto de aprendizagem com a comunidade. Faz uma crítica à escola tradicional ao explicar que a aula não ensina e que a escola tal qual se apresenta hoje não propicia a produção do conhecimento, mas cria indivíduos reprodutores e não sujeitos autônomos. Justifica que disponibilizar roteiros de estudo baseados em pesquisa com tema de interesse das crianças, assim como trazer problemas da vida diária dos(as) educandos (as) para discussão no chão da escola que resultem em projetos para solução destes, pode sim tornar não só aprendizagem interessante, mas possibilitar a autonomia dos estudantes e da comunidade.

Aprendizagem significativa para Pacheco (2019) deve estar pautada nas concepções construtivistas e sociointeracionistas. Diante dessas concepções, será possível promover o aprendizado significativo usando como ferramenta metodológica apenas o mesmo livro didático, a mesma atividade para todas as crianças de uma mesma turma, sentam-se uma atrás da outra e não trocam experiências? Dentro deste modelo educativo há espaço para as diferenças? Para o autor em questão a resposta é não.

Devemos entender cada indivíduo como um ser único e que as escolas precisam de maneira urgente estruturarem os seus projetos políticos pedagógicos para viabilizarem uma educação inclusiva e não integrada. Maria Teresa Mantoan esclarece a distinção entre inclusão e integração.

O uso do vocábulo 'integração' refere-se mais especificamente à inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns, mas seu emprego dá-se também para designar alunos agrupados em escolas especiais para pessoas com deficiência, ou mesmo em classes especiais, grupos de lazer ou residências para deficientes." (MANTOAN, 2003, p. 15)

A autora afirma que a inclusão é incompatível com a integração. Entende a escola inclusiva como um espaço de cooperação onde todos sentem-se parte, onde não há lugar para as segregações, rótulos ou estereótipos, pois as diferenças fazem

parte de todo o ambiente pedagógico e norteiam o processo ensino aprendizagem. Quando se designa um currículo único para crianças de determinada série, esquece-se que mesmo que tenham a mesma idade, cada estudante é fruto de suas experiências íntimas e de capacidades peculiares que são distintas e muitas vezes bem discrepantes entre um indivíduo e outro.

Teresa Mantoan denuncia a escola que hesita em não romper com o paradigma da educação tradicional conservadora, pois está mostrando sua indisposição a acolher o projeto da educação inclusiva que é exigido pela lei. Mantoan conceitua paradigma segundo a perspectiva moderna como: “[...] um conjunto de regras, normas, crenças, valores, princípios que são partilhados por um grupo em um dado momento histórico e que norteiam o comportamento[...]”. (Mantoan, 2003, p.11)

A necessidade do rompimento de paradigma em relação à educação atual é defendida por Pacheco (2019) também, que assim como Mantoan não enxergam a necessidade do ensino especial ser apartado da educação regular. Pois os educadores devem ser preparados para lidar com as particularidades dos estudantes e conduzi-los a produção do conhecimento até onde sejam suscetíveis de alcançar.

Oferecer uma educação de qualidade é garantir espaços educativos que impulsionam a autonomia do indivíduo a partir de metodologias ativas, que desenvolvam a criticidade sobre os problemas diários enfrentados pelo estudante, permitir que aprendam ao mesmo tempo que se dedicam a temas de seu interesse e que a afetividade, solidariedade e cooperação permeiam as relações entre os membros de toda a comunidade escolar.

À medida que o currículo é pensado de acordo com a capacidade e interesse de cada estudante, não apenas para crianças com necessidades especiais, as segregações deixaram de existir, pois o currículo não é adaptado somente para a criança que “não consegue”.

Os roteiros de estudo podem ser um ponto de partida para uma educação inclusiva, visto que é um dispositivo baseado em metodologias ativas e possibilita o

desenvolvimento da aprendizagem não só para crianças com TEA, mas para todos os estudantes. Tal dispositivo assegura o aprendizado de habilidades das diversas áreas do conhecimento não de forma isolada, mas articulada, conectada, associando-as a um tema norteador. Teresa Mantoan também aponta a transmissão do conhecimento das disciplinas de modo isolado e descontextualizado como um problema da educação conservadora.

A divisão do currículo em disciplinas como Matemática, Língua Portuguesa e outras fragmenta e especializa os saberes e faz de cada matéria escola um fim em si mesmo, e não um dos meios de que dispomos para esclarecer o mundo em que vivemos e para entender melhor a nós mesmos. (MANTOAN, 2003, p. 28)

Ainda sobre a segmentação das disciplinas de formas descontextualizadas, Lauro de Oliveira Lima, há mais de seis décadas, já considerava uma ação equivocada. “Tudo o que se faz numa escola deve ser uma prática educativa [...], onde o que se pretende não é formar especialistas [...], mas formar a personalidade, o pensamento reflexivo e dar ao jovem capacidade de aprender sozinho.” (LIMA, 1962, p. 19)

O VÍNCULO AFETIVO E A APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TEA

Outro ponto preponderante entre os autores analisados é a afetividade na interação social dos indivíduos e sua relação com a aprendizagem. Não podemos falar da consonância entre vínculos afetivos e aprendizagem, sem mencionar Paulo Freire.

Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna. (FREIRE, 1996, p. 53)

Paulo Freire defende que quando existe uma relação amorosa e respeitosa entre educador e educando, na qual os dois se enxergam como sujeitos, que se cria o espaço propício para a construção do conhecimento.

Para Freire, a educação precisa ser libertadora, ou seja, os indivíduos devem ser sujeitos ativos no processo histórico, autônomos, saberem quem são, o que

querem, opinarem e decidirem. Com isso, chegamos ao nosso quarto pilar, que é buscar a autonomia do indivíduo e torná-lo apto a promover transformação social e a emancipação coletiva. Não é conveniente que o papel da educação seja de possibilitar o desenvolvimento intelectual na esfera individual, se não tivermos a intenção de mudar a realidade social, se assim for a educação perde sua essência. Como previsto na LDB:

Art. 10. "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais". ([LEI Nº 9.394](#), 1996)

BERTOLDI e BRZOZOWSKI escrevem sobre os impactos da afetividade na aprendizagem de crianças com TEA e argumentam que "[...] a afetividade e as emoções definem o que se aprende, ou não, bem como a qualidade da aprendizagem. Para pessoas dentro do espectro autista não seria diferente, as emoções têm um papel prioritário nas aprendizagens." (Bert. E Brz. 2020, p. 343)

As autoras explicam que os estudantes com TEA podem ter dificuldades de aprender por terem como uma das características a dificuldade de se relacionarem de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5)7. Apontam a necessidade de o educador conhecer bem e se aproximar do seu educando com TEA, para buscar os seus interesses e necessidades, com isso poderá elaborar uma rotina que proporcione estabilidade. A maneira que conhece e vivencia experiências com a criança, o vínculo vai se estabelecendo e "Dessa forma, ele vai reter aquilo que reforça a sua harmonia." (BERTOLDI e BRZOZOWSKI ,2020, p. 343)

Para Wallon, a escola deve se preocupar em formar o indivíduo de maneira integral, isto é, seu aspecto afetivo, motor, cognitivo e as relações de integração dinâmica entre o orgânico e o social. A emoção tem um papel central no desenvolvimento do indivíduo. É ela que possibilita a comunicação e a relação com o outro, desencadeando o desenvolvimento pleno do sujeito, para que seja ativo, pensante e autônomo. Os sentimentos e sensações da criança são muito importantes para o trabalho pedagógico.

(...) meios e grupos são noções conexas, que podem por vezes coincidir, mas que são distintas. (...) Comportam evidentemente condições físicas e naturais, mas que são transformadas pelas técnicas e pelos usos do grupo humano correspondente." (Wallon, 2008, p. 163)

Os aspectos intelectual, social, emocional, físico e psicológico do educando são extremamente importantes para o seu desenvolvimento integral, ainda mais, é imprescindível que todos esses aspectos estejam sob a ótica do educador, para que este consiga orientar seus estudantes no processo de construção do conhecimento. Pois, todos os âmbitos do ser humano fazem parte da sua experiência individual neste mundo, dizem respeito ao seu desenvolvimento pessoal enquanto indivíduo integrante de um corpo social. Segundo Piaget o conhecimento se dá por um processo de interação radical entre o sujeito e o objeto, entre o indivíduo e a sociedade, entre o organismo e o meio.

3. CONCLUSÃO

O intuito deste trabalho é refletir sobre a visão que os educadores têm das dificuldades apresentadas pelos alunos face às práticas pedagógicas até então utilizadas, dando ênfase aos estudantes com TEA. O que se percebe é uma incerteza da parte dos profissionais da educação em relação às ações educativas para abrangerem a inclusão dentro dos espaços escolares. Diante disso buscou-se apresentar conceitos de autores que se debruçaram sobre o tema inclusão e aprendizagem significativa. Constatou-se a necessidade de que possíveis mudanças ocorram.

Ao ponderarmos sobre a práxis educativa refletida na sua dinâmica maior; tendo arcabouço as teorias construtivistas tanto interacionistas quanto sociointeracionistas, vislumbramos aqui um caminho a mais na busca de alternativas que deem conta da complexidade do processo ensino-aprendizagem com o alvo na autonomia do educando em busca da emancipação desejada.

Salienta-se ainda que as ideias e propostas aqui apresentadas encontram-se amparadas por farta literatura que defende a importância do rompimento de paradigmas de uma educação conservadora e excludente. Dando relevância para criação de espaços educativos inovadores que valorizem e deem conta das

diferenças entre os estudantes. Aqui damos atenção à educação de crianças com TEA, mas enquanto neuropsicopedagogos nosso papel é pensar em todos os indivíduos aprendentes, e orientar atitudes educativas inclusivas dentro dos espaços escolares.

Foi verificada a viabilidade do uso dos roteiros de estudo como dispositivo de aprendizagem preponderante para a aprendizagem de estudantes de uma forma geral, mas que são ainda mais imprescindíveis para crianças com TEA. Tal instrumento pedagógico permite o desenvolvimento de vínculos afetivos entre educador e educando, aprendizagem, iniciação científica, além da autonomia e emancipação dos estudantes. É uma ferramenta metodológica baseada nas concepções, construtivista e sociointeracionista, utilizando práticas de metodologias ativas que devem ser adotadas pelas escolas para uma educação efetivamente inclusiva.

4. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Adriana Rame Correia Martins. **O desenvolvimento de uma criança com transtorno do espectro autista (TEA) a partir de metodologias pautadas em materiais concretos: um estudo de caso.** João Pessoa, 2020.

Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17806>

BERTOLD, Franciele Stolf; BRZOZOWSKI, Fabíola Stolf. **O papel da psicopedagogia na inclusão de na aprendizagem da pessoa autista.** São Paulo: Popsic, 2020.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.51207/2179-4057.20200028>

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. 53 p.

LIMA, Lauro de Oliveira. **A escola secundária moderna.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962. 19p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

PACHECO, José. **Inovação educacional.** São Paulo: Mahatma, 2019. 55 p.

PAIM, Fernanda Regina Luvison; SOUZA, Beatriz Doerner. **Aprendizagem da criança com autismo.** Criciúma: Saberes Pedagógicos, 2021.

Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/pedag/article/view/6887>

VYGOTSKY, Lev Semenovichi. **Imaginação e criança na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

WALLON, H. **Afetividade e aprendizagem** – Contribuições de Henry Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2008.